



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**FABIANA PINHEIRO DE MELO**

**A POESIA DE JESSIER QUIRINO:  
A VARIAÇÃO QUE VEMOS E A VARIAÇÃO QUE ESQUECEMOS DE VER**

**MONTEIRO/PB  
2017**

**FABIANA PINHEIRO DE MELO**

**A POESIA DE JESSIER QUIRINO:  
A VARIAÇÃO QUE VEMOS E A VARIAÇÃO QUE ESQUECEMOS DE VER**

Artigo de Conclusão de Curso em Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras com habilidade em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Me. Hermano Aroldo Gois Oliveira.

**MONTEIRO/PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528p Melo, Fabiana Pinheiro de.

A poesia de Jessier Quirino [manuscrito] : a variação que vemos e a variação que esquecemos de ver / Fabiana Pinheiro de Melo. - 2017.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Hermano Aroldo Gois Oliveira, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Jessier Quirino. 4. Identidade nordestina. 5. Poesia .

21. ed. CDD 306.44

FABIANA PINHEIRO DE MELO

**A POESIA DE JESSIER QUIRINO:  
A VARIAÇÃO QUE VEMOS E A VARIAÇÃO QUE ESQUECEMOS DE VER**

Artigo de Conclusão de Curso em Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras com habilidade em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Hermano Aroldo Gois Oliveira.

Aprovada em: 21/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Hermano Aroldo Gois Oliveira  
Prof. Me. Hermano Aroldo Gois Oliveira (Orientador)  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Camilla Maria Martins Dutra  
Profa. Ma. Camilla Maria Martins Dutra (Examinadora interna)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jardine Leandra Ferreira  
Profa. Ma. Jardine Leandro Ferreira (Examinadora externa)  
Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF-Sertão)

Dedico este trabalho primeiramente a o senhor, por guiar meu caminho, sendo á luz para ilumina a minha vida, a minha mãe Leticia Pinheiro Melo, ao meu pai Francisco de Assis Melo, a minha irmã Flávia Pinheiro Melo, meu irmão José Fabiano Melo, irmãos, e principalmente o ser que mim força para vencer qualquer batalha meu filho João Gabriel Melo Bezerra.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus meu soberano, pela fé, força e coragem durante essa minha jornada de vida, para que assim, minhas dificuldades fossem superadas.

Aos meus pais, meus irmãos e a minha inspiração meu filho, e a toda minha família que em alguns momentos mim deram apoio, para que concluísse mais uma etapa da minha vida.

Ao meu orientador Hermano Aroldo Gois Oliveira pela paciência na orientação, pela atenção e dedicação nos momentos conturbados da minha vida, pelo apoio e tornar possível a conclusão deste artigo.

A todos os professores que mim acompanharam durante o curso, principalmente a professora Luciana Nery por ser uma grande incentivadora na minha vida acadêmica.

Aos amigos que estiveram presentes nos momentos da minha vida, principalmente minha amiga e comadre Larissa Paula, que sempre esteve ao meu lado, incentivado nos momentos difíceis da minha trajetória acadêmica, também agradece a Arícia farias Maria José Mendes e Maria José Mendes, por ter mim apoiado nessa experiência da minha formação acadêmica.

“Tem-se em mente, assim, o mito de uma língua uniforme, sem variação, sem adequação à situação em que é usada e, lá no nu fundo, o outro mito de que a norma culta é inerentemente melhor que as outras. No entanto, a ciência lingüística defende que *o bom uso da língua é aquele que é adequado às condições de uso.*” (ANTUNES, 2007, p. 104. Grifos da autora)

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	9
<b>1. Síntese dos fundamentos teóricos</b> .....	12
1.1 A contribuição da Sociolinguística para o estudo da língua .....	12
1.1.1 A variação linguística em discussão .....	13
1.1.1.1 Os tipos de variação linguísticas .....	14
<b>2. Procedimentos metodológicos: características da pesquisa</b> .....	15
2.1 Procedimentos de coleta .....	15
<b>3. Análise e discussão dos dados</b> .....	16
3.1 A sociolinguística em poemas de Jessier Quirino: tipos de variações linguísticas .....	19
<b>4. Considerações finais</b> .....	22
<b>Referências</b> .....	24
<b>ANEXOS</b> .....	26



## A POESIA DE JESSIER QUIRINO: A VARIAÇÃO QUE VEMOS E A VARIAÇÃO QUE ESQUECEMOS DE VER

Fabiana Pinheiro de Melo<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo, motivado pelas questões de pesquisa. Como a variação linguística aparece nos poemas de Jessier Quirino? Como a poesia de Jessier Quirino se apropria da variação linguística como elemento estruturador? Tem por objetivo: investigar os tipos de variação linguística presentes nos poemas de Jessier Quirino, a fim evidenciar as marcas da oralidade e da identidade cultural do Nordeste brasileiro. E, de modo específico, i) Analisar, especificamente, as variações linguísticas características do falar nordestino; ii) identificar as marcas da oralidade presentes nos textos literários em análise; e iii) possibilitar uma reflexão em torno do preconceito linguístico em relação ao léxico utilizado pela população interiorana. Para tanto, adota os procedimentos metodológicos de natureza qualitativa (BORTONI-RICARDO, 2008) e a sistematização da pesquisa documental (SEVERINO, 2007), tendo por *corpus* poemas do artista Jessier Quirino. A análise dos dados fundamenta-se nas contribuições de Bortoni-Ricardo (2004) e Mollica (2015) sobre a abordagem sociolinguística, bem como em Ilari e Basso (2009), Bezerra (2013) e nos Parâmetros Curriculares de Ensino de Língua Portuguesa (1998) sobre o tratamento da variação linguística. Os resultados desta investigação indicam que o poeta apropria-se do fenômeno da variação para evidenciar a fala nordestina, valorizando a cultura do nordestino, revalorizando os dizeres, a sabedoria popular e o humor, que na maioria das vezes, são vistos como motivos de vergonha pelos próprios nordestinos.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Poesia. Sociolinguística. Jessier Quirino.

### Introdução

A variação da língua ocorre naturalmente, conforme constata estudos de representantes de base sociolinguística variacionista (BORTONI-RICARDO, 2004; MOLLICA, BRAGA, 2015). Esses estudos evidenciam que as línguas naturais mudam com o tempo e que há formas de observar tal fenômeno, tais como o método comparativo de documentos escritos ou até mesmo a simples observação da maneira como os falantes se apropriam dos recursos de uma língua para interagir em um dado contexto social (BAGNO, CASSEB-GALVÃO, 2017).

Nesse contexto, facilmente, conseguimos distinguir uma pessoa com práticas de letramento menos escolarizadas, um carioca de um paraibano, dentre tantos outros exemplos

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.  
Email: fabiana\_melo02@hotmail.com

que poderíamos citar aqui. Isso se justifica em virtude das escolhas linguísticas referentes aos níveis lexicais, entonacionais e fonéticos (BAGNO, CASSEB-GALVÃO, 2017).

Não por acaso, Ilari e Basso (2009) apóiam-se na tese de que a língua não é uniforme, e que, por se manifestar de várias formas, leva os estudiosos a optarem pelo termo *variação*. Essa adesão pelo conceito à primeira vista pode parecer estranha, mas não é aleatória, porque se pensarmos que a língua(gem) está ligada diretamente à sociedade, o conceito nos passará a ser bastante transparente.

Essa relação inquestionável tem o seu estudo dentro da Linguística, especificamente na área da Sociolinguística, pois se trata de uma vertente que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (CEZARIO; VOTRE, 2009).

Se, conforme os estudos linguísticos têm evidenciado, a língua(gem) e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, e se a língua é inerentemente heterogênea, comprovando, assim, a variação ser um fenômeno normal, parece pouco elucidativo que as variações utilizadas pelas classes menos favorecidas financeira e culturalmente tornaram-se base para o preconceito e a discriminação desses grupos perante a sociedade ou até a afirmação de que “as pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 1999).

No entanto, trabalhos de artistas regionais como o poeta Jessier Quirino, o cantor Santana, e tantos outros, buscam valorizar a cultura nordestina, revalorizando os dizeres, a sabedoria popular através do humor, o que, na maioria das vezes, são vistos como motivos de vergonha pelos próprios nordestinos.

Desse contexto, os seguintes questionamentos norteiam o presente artigo: como a variação linguística aparece nos poemas de Jessier Quirino? Como a poesia de Jessier Quirino se apropria da variação linguística como elemento estruturador? Para tal, temos por grande objetivo: investigar os tipos de variação linguística presente nos poemas de Jessier Quirino, a fim evidenciar as marcas da oralidade e da identidade cultural do Nordeste brasileiro.

De modo mais específico: i) Analisar, especificamente, as variações linguísticas características do falar nordestino nos poemas de Jessier Quirino; ii) identificar as marcas da oralidade presentes nos textos literários em análise; e iii) possibilitar uma reflexão em torno do preconceito linguístico em relação ao léxico utilizado pela população interiorana.

O nosso interesse pelos poemas de Jessier Quirino justifica-se, primeiro, em virtude do seu caráter, pois não só pelo fato de expor a variação linguística, mas, também, a identidade cultural e regional de um determinado espaço. Em segundo lugar, porque a temática abordada, isto é a variação linguística. Na vizinha Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a partir do Projeto: *variação linguística no estado da paraíba: fase iii – variação, estilo, atitude e percepção*<sup>2</sup>, sob a orientação do professor Demerval da Hora Oliveira, tem desenvolvido estudos que objetivem traçar o perfil linguístico do falante paraibano, considerando, principalmente, aspectos fonético-fonológicos e gramaticais, a partir de um estudo em tempo aparente.

Contudo, não é possível afirmar que os estudos com foco na variação linguística seja sistemático em pesquisas realizadas no campus base deste artigo ou em outros campis, pois em pesquisa feita no repositório institucional de produção científica e intelectual da comunidade universitária pertencente à Universidade Estadual da Paraíba<sup>3</sup>, realizamos uma revisão sistemática, a fim de identificar trabalhos que tematizassem a variação em textos literários.

Entretanto, não foi encontrado nenhum trabalho diretamente relacionado à proposta desta pesquisa, justificando ainda mais a importância desse estudo para a área. Encontramos em nossa busca, apenas, trabalhos que enfatizassem a sociolinguística e/ou a variação no livro didático, em páginas virtuais ou nas aulas de Língua Portuguesa.

Outro aspecto evidenciado neste artigo diz respeito ao preconceito linguístico existente com relação às variações que fogem à norma padrão estabelecida. Sendo assim, nosso trabalho se justifica por investigar a poesia popular, especificamente os poemas de Jessier Quirino, com o intuito de contribuir com as reflexões acerca das variações linguísticas e do preconceito linguístico arraigado em nossa sociedade em relação aos dialetos que se distinguem da norma padrão.

Assim, no presente trabalho buscamos analisar a poesia de Jessier Quirino a partir dos pressupostos da Sociolinguística. Para tanto, tomaremos como corpus de análise, os poemas “*Virgulino Lampião, deputado federá*”, “*Conversa de manicure*” e “*Paisagem do interior*”.

Com o intuito de responder às questões de pesquisas, bem como alcançar os objetivos delineados, este trabalho segue a seguinte estrutura: além desta introdução, contempla mais

---

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre o projeto, acessar o site: <http://www.cchla.ufpb.br/proling/dermeval-da-hora-oliveira/>.

<sup>3</sup> Site para conferência: < <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/> >

quatro tópicos. No primeiro condensa o aporte teórico, no qual se discute acerca da contribuição da Sociolinguística, como também sobre o conceito de variação linguística para os estudos da linguagem e para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa e, por fim, apresenta os tipos de variação. No segundo tópico, apresenta-se o percurso metodológico, com definições de natureza e tipo da investigação, bem como os procedimentos de coleta dos dados. No terceiro tópico, apresenta-se a discussão e análise de dados. Neste momento, identificam-se os tipos de variação, mas, também, os analisamos, a fim de possibilitar uma reflexão em torno do preconceito linguístico. Por fim, apresentamos o quarto tópico destinado às considerações finais, respondendo às questões de pesquisa mostrando os principais resultados.

## **1. Síntese dos fundamentos teóricos**

### **1.1 A contribuição da Sociolinguística para o estudo da língua**

De acordo com Mollica (2015), a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e tem por objeto a língua em uso dentro das comunidades de fala. Para a autora, esta subárea volta seus estudos para a correlação entre aspectos linguísticos e sociais, permitindo, assim, nas investigações incorporadas a este campo, focalizar em empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Essa centralidade na relação língua e sociedade significam dizer que a Sociolinguística considera como objeto de estudo a *variação*, a qual é vista como “um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.” (MOLLICA, 2015, p. 10).

Sabendo disso, concordamos, então, com Bortoni-Ricardo (2004), para qual afirma que na perspectiva sociolinguística, não se julga a fala como certa ou errada, mas sim, como adequada ou não às diferentes situações comunicativas.

Sobre isso, a mesma autora (2004) discute que as crenças sobre a superioridade de uma variedade é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a grupo social. Então, podemos concluir que cada região vai ter seu linguajar, sua cultura. No próximo tópico, consideraremos, portanto, o conceito de variação na área aqui contemplada.

### 1.1.1 A variação linguística em discussão

Se a língua, conforme já evidenciado no tópico anterior, é heterogênea, é natural que a variação linguística se constitua como fenômeno universal, pressupondo, dessa forma, a existência de formas linguísticas alternativas (MOLLICA, 2015).

Sobre a complexidade do conceito de variação linguística, Bezerra (2013) discute que

O fator principal para justificar essas transformações deve-se ao fato da língua ser um elemento vivo, e como tal, é dinâmica e flexível, portando acompanha as mudanças que ocorrem no mundo, na sociedade, com a formação de novos grupos sociais, na implementação de novas tecnologias, etc. (p. 6).

Conforme a citação, a mutabilidade da língua está relacionada às mudanças inerentes da sociedade e aos respectivos usos realizados pelos sujeitos sociais em interação com o mundo que o cercam. Ainda, segundo Bezerra (2013, p. 6), “os termos ‘variação linguística’ ou ‘diversidade linguística’ foram introduzidas na literatura e na linguística a partir da década de 60 do século passado, através de uma série de investigações promovidas pelo americano William Labov”.

Trata-se, então, de um conceito que não é novo, e que por isso, não deveria ser excludente quanto aos usos que não se enquadram à norma culta da língua. Prova disso é o que se observa em documentos parametrizadores, como, por exemplo, os Parâmetros Nacionais Curriculares de Língua Portuguesa (MEC, 1998, p. 26):

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

O documento afirma que a nossa língua é composta de uma variedade linguística. Contudo, no mesmo documento afirma-se que para essa variedade por estar atrelada ao valor social, há aquelas consideradas de menor prestígio a qual são estigmatizadas e vistas como inferiores e erradas. Essa crença ainda forte na sociedade permite polarizar falantes entre aqueles que falam corretamente daqueles que não, fomentando o preconceito linguístico na sociedade. Cabe, portanto, nós, enquanto agentes sociais e profissionais da área da linguagem, combater essa crença como deve ser feito pela escola, conforme orienta os Parâmetros:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (MEC, 1998, p. 26).

Ter como padrão a escrita para justificar uma forma única de se expressar deve ser enfrentado pela escola, como agência formadora, pois permite que o aluno entenda que não há forma certa ou errada, mas adequada ao contexto em que se encontra. Há, portanto, formas linguísticas alternativas influenciadas por grupos de fatores de natureza social ou estrutural (MOLLICA, 2015). Sobre isso, no próximo subtópico, mostraremos os tipos de variação linguísticas existentes.

#### 1.1.1.1 Os tipos de variação linguística

Com base nos fenômenos sociolinguísticos, são quatro os tipos de variação linguística: diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica. A esse respeito, Ilari e Basso (2009) as caracterizam da seguinte forma:

Variação diacrônica: “aquela que se dá através do tempo” (p. 152). Para tal, é possível percebê-la, também, pela comparação entre gerações. Para os autores, a língua é uma realidade dinâmica, a qual por natureza vive em constante mudança.

Variação diatópica: “entendem-se as diferenças que uma mesma língua apresenta da dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países” (p. 157). Nesse tipo, é possível, também, discutir sobre a variação regional comum em nosso país, permitindo que se possa conhecer a procedência geográfica do falante pelas variedades regionais identificadas. Pensemos, por exemplo, em nosso *corpus* de estudo: poemas que retratam a nossa regionalidade, a cultura de um nordestino.

Variação diastrática: “tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população” (p. 175). A conclusão desse tipo de variação é que encontramos falares típicos de uma parte mais escolarizada de outra menos escolarizada.

Variação diafásica: manifestam-se de acordo com a situação comunicativa (BEZERRA, 2013). Para esta, basta pensar no que entende por discurso formal e informal vinculado ao contexto social no qual o indivíduo está inserido.

## 2. Procedimentos metodológicos: características da pesquisa

O nosso trabalho consiste, especificamente, em uma pesquisa de natureza qualitativa. Isso porque, de acordo Bortoni-Ricardo (2008), "procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto" (p. 34). Também inserida na pesquisa qualitativa, encontra-se a pesquisa documental, tendo em vista que a análise investigativa dá-se através de documentos impressos.

Sobre esse tipo de pesquisa, Severino (2007) afirma que se tem como fonte de documentos no sentido amplo, ou seja, não só impressos, mas, sobretudo, de outros tipos de documentos como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Por exemplo, os dados desta pesquisa referem-se a poemas, os quais foram intencionados para representar a vida cotidiana, como arte literária. Contudo, em virtude do interesse em compreender aspectos linguístico-discursivos, tomou-se esses textos como objeto de investigação passível de análise e interpretação com base em procedimento metodológico, aqui, descritos.

### 2.1 Procedimentos de coleta

Trata-se de poemas produzidos pelo poeta Jessier Quirino. Ao todo, analisamos três poemas, quais sejam: “Virgulino Lampião, deputado federá, “conversa de manicure” e o “paisagem do interior”. Estes retratam a identidade cultural e regional de uma determinada comunidade, mostra a diversidade linguística, por isso a temática abordada, isto é a variação linguística.

Para tanto, desenvolvemos uma abordagem analítica da poesia de Jessier Quirino a partir dos pressupostos da sociolinguística, pois da vasta obra do autor, selecionamos os três poemas já apresentados, porque, estes, especificamente, retratam a vida rural e apresentam elementos da cultura popular brasileira, especificamente, da cultura nordestina.

A busca e seleção desses poemas foram realizadas no ambiente digital. Nesse ambiente, consideramos, então, as crenças sobre cultura nordestina da pesquisadora com o modo de materializá-la nos poemas de Jessier Quirino. Houve uma junção o pensamento da autora deste trabalho com a maneira que o poeta recitava suas poesias, o que a deixou muito encantada com o seu trabalho.

Desse modo, os critérios para a seleção dos três poemas estão associados ao interesse, de um lado, em mostrar a identidade do povo nordestino para o Brasil, motivo de realizar a pesquisa sob este tema, uma vez que a autora convive com pessoas simples, as quais são



estigmatizadas por puristas da língua; e, de outro, mostrar que a linguagem do povo nordestino está dentro dos padrões informais, tudo depende do contexto que o indivíduo está inserido.

Encontramos esses poemas no *Blog Cultura Nordestina*<sup>4</sup>. O poema *Paisagem do interior* foi publicado no livro *Paisagem do interior*. O poema *Virgulino Lampião Deputado Federá* escrito em 1994 e publicado em 1996, no livro *Paisagem do interior*; publicado em 2013 no livro *Paisagem do interior 2*. E o poema *Conversa de manicure* foi publicado em outubro de 2013.

No próximo tópico, iniciamos a análise a partir do aporte teórico exposto no tópico 1.

### 3. Análise e discussão dos dados

Nesta seção, apresento trechos dos poemas “*Virgulino Lampião deputado federá*”, “*conversa de manicure*” e “*paisagem do interior*” do poeta Jessier Quirino, conforme já informado anteriormente. Nesses poemas, de modo especial, o poeta se apropria da variação linguística de maneira simples e clara, também aborda na sua poesia temas polêmicos, como críticas à classe política. Dessa maneira consegue atingir grande parte da população, seja ela leitora seja ela ouvinte.

Procurei, então, nos trechos dos poemas selecionados, identificar as marcas das variações linguísticas – variações diatópicas, diafásicas, diastráticas e diacrônicas – e como o autor apropria-se delas para evidenciar e/ou caracterizar o linguajar popular nordestino. Isso reforça o apreço do poeta em retratar a vida do povo nordestino, enaltecendo, assim, as condições culturais, sociais e regionais desse estrato social.

Se as variações e as mudanças são inerentes às línguas naturais e, que, por isso, novas palavras vão surgindo e outras desaparecendo do nosso convívio, por exemplo, conforme discutem Cezario e Votre (2009), é natural a existência das variedades linguísticas, sendo, portanto, um dos principais aspectos desse fenômeno a diferenciação que caracterizam as variações regionais ou dos dialetos.

Ao analisar alguns trabalhos de Jesseir, busquei as poesias que tivessem identificação com o meio cultural ao que pertencço. Desse modo, optei por analisar o *corpus* relacionando-

<sup>4</sup> <http://culturanordestina.blogspot.com.br/p/perfil.html>

<sup>5</sup> Nesta seção, especialmente, optamos por utilizar-se da 1ª pessoa do singular como estratégia linguística para a autora da pesquisa se posicionar como **sujeito-autor pesquisador**, mas também como **sujeito-autor** da língua. Essa postura, apesar de causar controvérsia na academia, tem sido —experenciada|| por alguns autores, a exemplo de Farias (2015), a quem nos espelhamos.



os à medida que identifico os tipos de variações, ou seja, não se nota aqui uma divisão sistemática a partir de categorias, pois o estudo propõe-se a analisar as poesias conjuntamente. Assim, nas próximas linhas, discuto sobre os tipos de variações linguísticas a partir dos poemas foco da investigação.

Desse modo, em sua poesia de característica regional apresenta várias situações do cotidiano do povo brasileiro. Considera-se, para tanto, os poemas Virgulino Lampião Deputado Federá e Paisagem do Interior, a seguir:

### **Virgulino Lampião deputado Federá**

Jessier Quirino

Seus Dotôres Deputado. falo sem tutubiá pra mostrá que nós matuto sabe se pronuncia dizê que ta um presidio com dó e matuticídio a vida nesse lugá. O Brasí surgiu de nós nós tudo que vem da massa deram um nó no mêi de nós que nós desse nó não passa e de quatro em quatro ano vem vocês com o véio plano desata o nó e se abraça. Tamo chêi dessa bostice de promessa e eleição dos que vem de vez em quanto se rindo, estendeno a mão candidato a caloteiro aprendiz de trapaceiro corruto, falso e ladrão. A coisa ta enveigada ta ruim de devenveigá meu sistema neuvosíssimo vejo a hora se estorá se estóra eu não engano cuma diz o americano na matança eu tem norrá. Quero que vocês refrita o falá da minha fala pelo cano do revóve magine o tamãe da bala. Vocês que véve arrimado nas bengala do podê dou um chuto na bengala mode alejado corrê dou dedo, faço munganga canto Ouvira do Ypiranga e mando tudo se fudê. Acunho logo a tramela nas porta da corrução toco fogo na lixeira e passo de mão em mão corto língua de quem mente quebro três ou quatro dente dos Deputado risão. Político que come uva em plena safra de manga vai pra lei dos desperdiço nas faca dos meus capanga. Se eu der um tiro no mato e bater num marinheiro é porque tem mais honesto do que cabra trambiqueiro diante dessa nutiça não haverá injustiça é a lei dos cangaceiro. Os deputado bom de pêia eu tiro o “W” do nome tiro vírgula dos discurso reticença e pisilone sapeco lei pra matuto meto bala nesses puto e um viva no microfone. Matuto que tem saúde pro trabaio ele é capaz nós se vira, arruma água as sementes e o preço em paz não vai sê protecionismo é a lei do Nordestinismo dos Problemas Matutais. Debuiado este discurso pros Dotôre e Deputado ta dizido minha meta pra cem bilhão de roçado depois não venham dizê que foi golpe de pudê proque não foram avisado . Partido dos Cangaceiro o PC dos natura pela lei da ignorança do Congresso Federá assinado Capitão Virgulino Lampião Deputado Federá.

### **Paisagem de Interior**

Jessier Quirino

Matuto no meio da pista  
 menino chorando nu  
 rolo de fumo e beiju  
 colchão de palha listrado  
 um par de bêbo agarrado  
 preto véo rezador  
 jumento, jipe e trator  
 lençol voando estendido  
 isso é cagado e cuspidado  
 paisagem de interior

três moleque fedorento  
 morcegando um caminhão  
 chapéu de couro, gibão  
 bodega com sortimento  
 poeira no pé do vento  
 tabuleiro de cocada  
 banguela dando risada  
 das prosa dum cantador  
 buchuda sentindo dor  
 com o filho quase parido  
 isso é cagado e cuspidado  
 paisagem de interior

Bêbo lascano a canela

escorregando na fruta  
 num batente, uma matuta  
 areando uma panela  
 cachorro numa cadela  
 se livrando das pedrada  
 ciscador, corda e enxada  
 na mão do agricultor  
 no jardim, um beija-flor  
 num pé de planta florido  
 isso é cagado e cuspidado  
 paisagem de interior

Mastruz e erva cidreira  
 debaixo de jatobá  
 menino quereno olhar  
 as calça da lavadeira  
 um chiado de porteira  
 um fole de oito baixo  
 pitomba boa no cacho  
 um canário cantador  
 caminhão de eleitor  
 com os voto tudo vendido  
 isso é cagado e cuspidado  
 paisagem de interior (...)

Conforme se percebe, no primeiro poema, *Virgulino lampião Deputado Federá*, o poeta se detém a criticar os políticos de forma irônica e debochada, já na poesia *Paisagem do Interior*, nos faz lembrar a triste história do povo nordestino, considerando a conduta desse grupo no ambiente diferente do seu. Muitas vezes, as pessoas têm medo de se comunicar porque não sabem falar corretamente, com medo do preconceito linguístico (BAGNO, 1999), que deveria dar espaço a diversidade linguística, perspectiva a qual defemos neste trabalho, pois o falante deve usar a linguagem de acordo com o contexto que está inserido, ou seja, mediante a situação em que se encontra no momento.

Diante desse contexto, apresento, a seguir, detalhadamente, como cada uma das variações linguística está presente na poesia regionalista de Jessier Quirino, como cada região tem sua própria identidade, pois não se pode ignorar o modo de falar de um paulista, e de um paraibano, basta pensar nas evidentes diferenças entre ambos, são essas variações que constituem os falares e os dialetos (BORTONI-RICARDO, 2008).

O poeta mostra na sua poesia marcas do regionalismo a partir do léxico utilizado pela população interiorana. Em contrapartida, sabe-se que o povo nordestino é visto por alguns

como um povo burro, ignorante que não sabe falar “corretamente”, por isso a importância de se trabalhar as variações na sala de aula (BORTONI-RICARDO, 2004), como forma de desmitificar essa crença.

### 3.1 A sociolinguística em poemas de Jessier Quirino: tipos de variações linguísticas

A variação diacrônica é apresentada na poesia regionalista de Jessier Quirino de forma que o leitor possa identificar, isso porque a língua é algo vivo que está sempre em constante mudança, transformando-se constantemente, com o passar do tempo (BAGNO, 2007). É possível notar como essa transformação no trecho a seguir, do poema Paisagem de Interior (ANEXO A). Observa-se:

Três moleque fedorento/ morcegando um caminhão/chapéu de couro,  
gibão/bodega com sortimento/poeira no pé do vento/tabuleiro de  
cocada/banguela dando risada/das prosa dum cantador/buchuda  
sentindo dor/com o filho quase parido/isso é cagado e  
cuspido/paisagem de interior.

Pode-se observar como a variação diacrônica, isto é, a tendência que a língua tem de mudança, de transformação a partir do tempo e do uso (ILARI; BASSO, 2009), presente nessa poesia, isso a partir do trecho “morcegando um caminhão” e “bodega e sortimento”, elementos esses que caíram em desuso.

Percebem-se essas mudanças no léxico, isto é, o termo “morcegando o caminhão”, hoje a palavra que usamos é preguiça, “bodega” era muito utilizado em pequenos povoados, hoje se utiliza, com mais frequência, o termo mercearia ou mercado, ficando, então, o termo “bodega” em desuso em grande parte do “falar” nordestino. Por sua vez, “sortimento” deu origem a palavra variedade, abundância. Neste caso, pensar em uma “bodega com sortimento” é considerar a variedade de produtos presentes em um (super) mercado.

Esse fenômeno de mudança vai acontecendo com o passar do tempo, e a maneira a qual é apresentada na poesia de Jessier Quirino permite reconhecer que se trata de uma linguagem regional, evidenciando, assim, o tipo de lugar que o eu lírico/falante mora, bem como o nível de escolaridade.

Com isso, pode se dizer que se trata do reflexo da situação de uma população interiorana que não deixam suas raízes morrerem, mas ao mesmo tempo, necessitam de atenção, do nível sócio cultural, da maneira que se aplica a linguagem tem-se a imagem do falante, somos consumidores da linguagem, não existe certo ou errado, vai depender da situação em

que o falante se encontra (BAGNO, 1999). Considera-se, neste momento, o mesmo tipo de variação, aqui discutido, a diacrônica, na poesia “Conversa de manicure” (ANEXO B), a seguir:

Vi pintamento de beijo/ De cabelo e até de oio/ Guaribação de bochecha Pra limpar cara de jaca/Aparamento de unha/ Tiramento de inhaca Baibeadô de suvaco/ Vi tapadô de buraco. Disfaçadô de ressaca/ Vaqueiro fazendo unha/ Foi minha grande surpresa! Sentou-se no mei das feme. Deixou de lado a macheza/ Viúva do mermo dia/ Se alegrou da tristeza/ E pra fugir do emperro Logo depois do enterro/ Foi pro salão de beleza. A fama da manicure/ Desceu de sertão a fora/ Matuta que conhecia/.Só brilhantina glostora/. Como aparece esse léxico pintamento de beijo, que hoje em dia usamos pôr o batom nos lábios, na boca, outra palavra que caiu em desuso. No trecho do poema Virgulino Lampião Deputado Federá, vamos ver um discurso como muito erro ortográfico, foi de propósito mesmo porque ele quis mostrar a ignorância de um povo sofrido, mas que sabe um pouco como está condenado á miséria por causa dos políticos, esse trecho do poema mostra essa realidade /Vocês que véve arrimado/ nas bengala do podê/ dou um chuto na bengala/ mode alejado corrê dou dedo/, faço munganga canto Ouvira do Ypiranga/ e mando tudo se fudê./ Acunho logo a tramela nas porta da corrução/ toco fogo na lixeira e passo de mão em mão/ corto língua de quem mente/ quebro três ou quatro dente dos Deputado risão/.

A partir do poema, considera-se que algumas palavras não se utilizam mais no nosso léxico, como “arrimado”, por exemplo; hoje se usa, com frequência, apoiado. Nota-se, ainda de acordo com o poema, o interesse do poeta em preservar a cultura de um povo, evidenciar um modo de “falar” típico de um grupo social a partir de suas obras permite conservar um regionalismo apagado na cultura canonizada.

As variações diacrônicas presentes nos trechos analisados do poeta Jessier permite mostrar as diversidades linguísticas, pois, apesar dos erros ortográficos que são usados de forma intencionais, sob o olhar da gramática normativa, a intenção do autor é que o povo entenda o contexto da sua mensagem, Jessier presa por combater o preconceito linguístico através da sua rica poesia, por isso se dedica a trabalhos que tenham características regionais, o nordeste não está vinculado à pobreza, tem muitas riquezas por aqui, o Nordeste é diversificado por isso é uma terrinha abençoada por Deus.

Além da presença da variação diacrônica nos poemas, nota-se também a presença de outros tipos de variações. Desse modo, chama a atenção a diatópica ou geográfica referente às diferenças linguísticas que acontecem em regiões brasileiras, isto é, são palavras distintas, faladas em regiões diferentes que significam a mesma coisa, especificamente nordeste e sudeste, por exemplo. Para melhorar situar esse tipo de variação, considera-se o poema

“Paisagem do interior”, o qual retrata a realidade do nordeste, das pessoas que por ele passam, das dificuldades, mas que apesar disso, não deixam de ser felizes. Segue o trecho:

/Uma jumenta viçando/ jumento correndo atrás/ um candeeiro de gás/ véi na cadeira bufando/ rádio de pilha tocando/um choriço, um manguzá/ um galho de trapiá/ carregado de fulo/ fogareiro, abanador/ um matador destemido/ isso é cagado e cuspidor/ paisagem de interior/.

De acordo com o trecho, é possível afirmar que o linguajar empregado tem característica regional, com elementos da cultura nordestina, dessa maneira, as marcas das variações linguísticas tomam conta da poesia de Jessier.

São as diferenças que se encontram no vocabulário empregado no poema, isto é, palavras com o mesmo significado, mas com pronúncias diferentes, o que vai depender da região de origem, como por exemplo, há muita diversidade no léxico da culinária, neste caso o uso do léxico “mungunzá”, comida típica do nordeste feita de milho, também conhecida como angu, em determinadas localidades do nordeste, e canjica no centro-sul.

Desse modo, essa riqueza de variedade vai depender da cultura de um povo. A simplicidade com a qual se observa na poesia de Jessier mostra que o indivíduo que seja matuto ou que se use de uma linguagem culta, a única coisa que vai delimitar essas diferenças é a forma que cada um se comunica, o importante aqui é a linguagem, é possível falar de diversas maneiras, mas importante é que se estabeleça a compreensão, pois não existe certo nem errado, o preconceito linguístico está baseado na crença do que se postula como correto, único, sem possibilidade de desvios.

Sabe-se que muitas pessoas não respeitam a principal marca dos falares nordestinos, um exemplo é a ocorrência das vogais /e/ e /o/ pronunciadas abertas quando vêm na sílaba pretônica. No trecho apresentado na poesia de Paisagem do Interior tem-se a palavra “velho” registrada por v[é]i, marcando, na escrita, o sotaque do nordestino efetivamente.

Essas diferenças também são percebidas na pronúncia (o chiado do carioca, o “r” expressivo do paulista), na semântica (abóbora e jerimum, macaxeira e mandioca [...] etc) e em vários outros aspectos.

Na poesia “Conversa de manicure”, a partir do trecho em análise, percebe-se como o poeta se aprofunda na linguagem coloquial, e na variação diatópica. Isto é, o linguajar depende muito da região que cada um esteja, a maneira de usar cada palavra depende da cultura e da região que o indivíduo esteja inserido. Considere, para tanto, o trecho a seguir:

Sentou-se no mei das feme/. Deixou de lado a macheza/. Viúva do mermo dia/. Se alegrou da tristeza. E pra fugir do emperro/ Logo depois do enterro /Foi pro salão de beleza/ Além de falso e xexeiro/.

O léxico “feme” tal como foi empregado, embora estranho, é perfeitamente compreensível no nordeste. Trata-se do sexo feminino; no sul, este termo é representado pelos léxicos “mulher”, “menina”, “moça” e “garota”. São palavras que têm diferença na pronúncia o significado é o mesmo.

Outra palavra utilizada pelo poeta foi “xexeiro”. Na região Nordeste, o indivíduo pode usar naturalmente; em outras regiões, as pessoas usam trambiqueiro, caloteiro. Na minha cidade, é possível ouvir e se utilizar do termo veaco. Conforme Bortoni-Ricardo (2008), a variação é inerente à língua, sempre vai acontecer essas variações. No exemplo a seguir, constata-se o que tenho defendido.

faço munganga canto Ouvira do Ypiranga/ e mando tudo se fudê/.  
Acunho logo a tramela nas porta da corrução/ toco fogo na lixeira e  
passo de mão em mão/ corto língua de quem mente/ quebro três ou  
quatro dente dos Deputado risão/

Dentre os termos empregados, chamamos atenção para “muganca”. No sul, esse termo é desconhecido, porém, possivelmente, deve-se utilizar do termo “gracinha” para se referir a alguém que age com brincadeira com a mesma acepção que o poeta usa ao fazer uso do termo “muganca”. Essa variação linguística está muito presente no cotidiano de todos. O encontro do povo nordestino como o povo do Sul, mas também com o povo de outras regiões sempre vai ocorrer em alguns momentos essas divergências, que não são tidas como palavras erradas e sim que toda grupo carrega em sua identidade cultural (ILARI; BASSO, 2009).

#### **4. Considerações finais**

O poeta Jessier Quirino se apropriou da variação linguista para evidenciar a fala nordestina, na sua poesia popular, valorizando a cultura do nordestino, revalorizando os dizeres, a sabedoria popular e o humor, que na maioria das vezes, são vistos como motivos de vergonha pelos próprios nordestinos, então investigar acerca da variação linguística em textos literários, especificamente em poemas de Jessier Quirino permitiu-nos compreender como é evidenciada a fala nordestina. Em trechos dos três poemas apresentados, vimos às marcas das variações linguísticas.

Com o propósito de identificar e analisar as marcas de oralidade presentes em exemplares do gênero literário em análise, refletindo acerca do preconceito linguístico em relação ao léxico utilizado pela população interiorana a partir da imagem do autor. Isso permitiu-nos também demonstrar que a língua representa a cultura de um povo, a história do nordeste está evidenciado no poema, “Virgulino Lampião Deputado Federá”, “Paisagem do interior” e “conversa de manicure” de Jessier, as variações situacionais ou diafásicas; Variações geográficas ou diatópicas; Variações sociais ou diastráticas e Variações diacrônicas estão presentes nesses poemas apresentados, o autor apropria-se de termos essenciais da variação linguística da nossa linguagem para evidenciar a fala do nordestino.

Em vista disso, as implicações/contribuições da variação linguística consiste em buscar a identidade cultural de cada região, Jessier aborda questões importante na sua poesia, a grande diversidade linguística, variação e o preconceito linguístico, são fatores importantes que foram trabalhados nesse artigo, através de uma linguagem simples e informar, se as pessoas deixasse de lado o preconceito linguístico, como mostrar para o Brasil que o nordeste também tem suas riquezas culturalmente, o propósito de Jessier como poeta popular regional é mostrar esses acervos regionais para um todo, dando possibilidades as pessoas de uma nova visão com relação a variação linguística, trabalhar com textos literários a partir da sociolinguística foi uma junção que deu certo, os pressupostos teóricos utilizados mostrou um resultado satisfatório para minha pesquisa.

Desempenhei uma pesquisa, na qual evidencie as marcas da grande diversidade linguística que está presente no nosso cotidiano, não podemos nos deter só na forma culta de usar a língua.

A língua está em constante transformação, nós também temos que evoluir conforme essas transformações, os professores atualmente são orientados pelos PCN a trabalharem com a variação linguística, então as escolas vão se adaptando as novas normas educacionais, porque antes não se podia falar em variação linguística na sala de aula, expressões consideradas erradas pela norma culta, se fossem utilizadas na sala de aula o aluno era ridicularizado, o aluno que vinha da zona rural tinha sua identidade regional, cada região tem seu acervo lexical. Não temos porque ignorar essas determinadas situações as vezes constrangedoras para o falante que preserva a sua identidade cultural, mas agora que podemos usar as variações na sala de aula, ficou mais fácil para a comunicação de ambos, sem falar que o preconceito linguístico vai desaparecendo do convívio do ambiente educacional, a contribuição dessa estudo para o curso de Letras foi muito satisfatório, de certa maneira juntou a linguística com a literatura, uma auxílio a outra, no que desrespeito a variação.



**THE POETRY OF JESSIER QUIRINO:  
THE VARIATION WE SEE AND THE VARIATION WE FORGOT TO  
SEE**

**ABSTRACT**

This article, motivated by the research questions How does language variation appear in the poems of Jessier Quirino? How does the poetry of Jessier Quirino appropriate linguistic variation as a structuring element?, has as its main objective: to investigate the types of linguistic variation present in the poems of Jessier Quirino, in order to highlight the marks of orality and the cultural identity of the Brazilian Northeast. And, specifically, i) Analyze, specifically, the linguistic variations characteristic of Northeastern speaking; ii) identify the marks of orality present in the literary texts under analysis; and iii) make possible a reflection on the linguistic prejudice in relation to the lexicon used by the interior population. To do so, it adopts methodological procedures of a qualitative nature (BORTONI-RICARDO, 2008) and the systematization of documentary research (SEVERINO, 2007), with corpus poems by the artist Jessier Quirino. The analysis of the data is based on the contributions of Bortoni-Ricardo (2004) and Mollica (2015) on the sociolinguistic approach, as well as in Ilari and Basso (2009), Bezerra (2013) and Curriculum Parameters of Portuguese Language Teaching 1998) on the treatment of linguistic variation. The results of this investigation indicate that the poet appropriates the phenomenon of variation to evidence the Northeastern speech, valuing the Northeastern culture, revaluing the words, popular wisdom and humor, which are often seen as reasons for shame by the Northeast.

**Keywords:** Linguistic variation. Poetry. Sociolinguística. Jessier Quirino.

**Referências**

- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia. Mudança lingüística: fenômeno sociocognitivo de base funcional. In. BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira. **Dinâmicas funcionais da mudança lingüística.** São Paulo: Parábola, 2017. p. 9-33.
- BEZERRA, Maria Sandra de Farias. **A variação lingüística retratada nas canções de Luiz Gonzaga.** Artigo apresentado ao Curso de Letras a Distancia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras. João Pessoa, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em uma língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.
- CEZARIO, Maria Maura. Sociolinguística. In. MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de lingüística.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 141-155.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. Português do Brasil: a variação que vemos e a variação que esquecemos de ver. In. \_\_\_\_\_. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2009. 151-196.



MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 29-30.

MOLICA, Maria Cecília e BRAGA Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In. MOLICA, Maria Cecília e BRAGA Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007

Blog- [Cultura nordestina.blogspot.com](http://Cultura_nordestina.blogspot.com)

**ANEXOS – POEMAS**

## ANEXO A

**Paisagem de Interior**

Jessier Quirino

Matuto no meio da pista  
menino chorando nu  
rolo de fumo e beiju  
colchão de palha listrado  
um par de bêbo agarrado  
preto véo rezador  
jumento, jipe e trator  
lençol voando estendido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior

três moleque fedorento  
morcegando um caminhão  
chapéu de couro, gibão  
bodega com sortimento  
poeira no pé do vento  
tabuleiro de cocada  
banguela dando risada  
das prosa dum cantador  
buchuda sentindo dor  
com o filho quase parido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior

Bêbo lascano a canela  
escorregando na fruta  
num batente, uma matuta  
areando uma panela  
cachorro numa cadela  
se livrando das pedrada  
ciscador, corda e enxada  
na mão do agricultor  
no jardim, um beija-flor  
num pé de planta florido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior

Mastruz e erva cidreira  
debaixo de jatobá  
menino quereno olhar  
as calça da lavadeira  
um chiado de porteira  
um fole de oito baixo  
pitomba boa no cacho  
um canário cantador

caminhão de eleitor  
com os voto tudo vendido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior

Um motorista cangueiro  
e um jipe chêi de batata  
um balai de alpercata  
porca gorda no chiqueiro  
um camelô trambiqueiro  
aveloz, lagartixa  
bode véio de barbicha  
bisaco de caçador  
um vaqueiro aboiador  
um bodegueiro  
adormecido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior

Meninas na cirandinha  
um pula corda e um toca  
varredeira na fofoca  
uma saca de farinha  
cacarejo da galinha  
novena no mês de maio  
vira-lata e papagaio  
carroça de amolador  
fachada de toda cor  
um bruguelim desnutrido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior

Uma jumenta viçando  
jumento correndo atrás  
um candeeiro de gás  
véi na cadeira bufando  
rádio de pilha tocando  
um choriço, um manguzá  
um galho de trapiá  
carregado de fulô  
fogareiro, abanador  
um matador destemido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior

Um soldador de panela  
debaixo da gameleira  
sovaqueira, balinheira  
uma maleta amarela  
rapariga na janela  
casa de taipa e latada  
nuvilha dando mijada  
na calçada do doutor  
toalha no aquarador  
um terreiro bem varrido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior

Um forró pé de serra  
fogueira, milho e balão  
um tum-tum-tum de pilão  
um cabritinho que berra  
uma manteiga da terra  
zoadada no mei da feira  
fachada na gafieira  
matuto respeitador  
padre prefeito e doutor  
os home mais entendido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior

ANEXO B

**Jessier Quirino –****Conversa De Manicure**

Nesse sertão de vaqueiro, Chapéu de couro e gibão. Uma tá de manicure Ou pintadeira de mão Cum seu trabaio pustiço Deu o maió ribuliço. Nas matuta do sertão. Esse salão de beleza Incaicô com liberdade. O botão da safadeza. Junto com o da vaidade. Gente de cabelo duro Saiu feito poico ispim Mulé do cabelo bom Saiu cum o cabelo rim. Vi nêga de capacete Cum os dedos dento dum môi. Vi pintamento de beiço. De cabelo e até de oio. Guaribação de bochecha Pra limpar cara de jaca. Aparamento de unha. Tiramento de inhaca Baibeadô de suvaco. Vi tapadô de buraco. Disfaçadô de ressaca. Vaqueiro fazendo unha. Foi minha grande surpresa! Sentou-se no mei das feme. Deixou de lado a macheza. Viúva do mermo dia. Se alegrou da tristeza. E pra fugir do emperro Logo depois do enterro Foi pro salão de beleza. A fama da manicure. Desceu de sertão a fora Matuta que conhecia. Só brilhantina glostora. Pintou-se que nem paiaço. E pra quem era um bagaço. Inté que teve uma miora. Mais o que mais atraia. As damas pra maquilagem. Era a mitida de pau. No mundo da fofocagem. A manicure seu moço Paricia uma navaia Cortou do alto sertão Inté a beira da praia Botou defeito nos santo Matou Neném de quebranto Jogou freguês na gandaia. Na base da fofocagem. Lucrava com garantia. O salão era pequeno Pra festa da freguesia. Quando o trabai começava A freguesia escutava. E a manicure dizia: Gerome de Zé Lotero ? Aquilo é que ser safado. Além de falso e xexeiro. É mentiroso e tarado. E pelo que me dissero Sendo fi de Zé. Lotero Tem tudo pra ser viado! Guilora de Ataíde ? Tão engraçada que era. Hoje depois de parida. Virou uma besta-fera. Também o cão do marido. É mago, fei e cumprido. Que nem a rosa pantera. O finado Rubiná ? Que Deus tape as suas oiça Armuçava nas painelas Mode não sujá as loiça Ah! sujeitim miserave, Fuxiqueiro e imprestave. Pro ele não há quem toiça. O seu Manel Hostaliço ? Todo metido a ricão Passou a vida porpando Mode comprar uma mansão Hoje véi, chei de dinheiro Tem uma casa cum dez banheiro E o peste mija no chão. Aquela Li varredeira ? Só veve de fuxicar Dá conta da vida aléia De tudo quanto é lugar. Em casa farta cumida. Tem quatro pia intupida. Três redes pra custurar! A fia de Zé Botinha? Oi! Eu não gosto de falá. Mas pra mim ela é chifreira. E ninguém pode negá. Casou-se com Chico Bento. Mas já saiu cum o sargento. E quatorze oficiá. Minha cumade Honorina Já que os freguês foro embora. Já qui nós tamo sozinha Vou lhe contá uma estora.? Sei que vós não advinha. Esse magote de feme. Que saiu quage agora. São tudo quenga, chifreira, Veíaca e caipora. De todas aqui presente. As única mulé decente. Só era eu e a senhora.